

# EQUIPA DAS NAÇÕES UNIDAS ENCONTRA-SE EM MAPUTO

por Tomás Vieira Mário, da AIM, em Roma

A equipa das Nações Unidas designada para a supervisão do cessar-fogo, em Moçambique, encontra-se em Maputo, onde começou já a desenvolver contactos preparatórios para a sua missão. A equipa de controlo e supervisão do cessar-fogo integra peritos militares e civis, indicados pelo Secretário-Geral das Nações Unidas, Boutros Ghali, como resultado de acordos entre o Governo e a Renamo, no quadro das negociações de paz que continuam em Roma.

A notícia foi revelada à AIM, em Roma, pelo chefe da delegação governamental às negociações de paz, Armando Guebuza.

Na ocasião, Armando Guebuza, Ministro dos Transportes e Comunicações, considerou "relevante" a chegada atempada da equipa das Nações Unidas a Maputo, referindo que esse facto expressa uma reafirmação de que o acordo final de paz para Moçambique deve ser alcançado até ao dia primeiro de Outubro próximo, conforme a declaração da cimeira de Agosto último, assinada pelo Presidente Joaquim Chissano e pelo líder da Renamo, Afonso Dhlakama, na capital italiana.

"A chegada a Maputo da equipa de manutenção de paz das Nações Unidas resulta de esforços preparatórios do cessar-fogo que têm sido desenvolvidos pelo Governo, no âmbito das negociações de paz em Roma, para antecipar a conclusão dos últimos três protocolos ainda em discussão em S. Egidio", disse Guebuza.

Informações recolhidas anteriormente pela AIM, em Roma, junto do representante do Governo italiano na mediação, o parlamentar Mario

Raffaelli, referiam "contactos positivos" entre o Presidente Joaquim Chissano e o Secretário-Geral das Nações Unidas, Boutros Ghali, nas últimas duas semanas, para a definição das atribuições concretas da equipa das Nações Unidas, no controlo da aplicação de todos os protocolos de Roma e na supervisão do cessar-fogo e das eleições gerais, que deverão ter lugar um ano a contar da data da cessação das hostilidades militares.

Outras fontes de informação em Roma, sugerem que tenha havido um contacto "notoriamente fácil" entre Chissano e Boutros Ghali, proporcionado por um conhecimento pessoal prolongado entre as duas personalidades, que trabalharam juntos enquanto ministros dos Negócios Estrangeiros dos respectivos países, quer no âmbito das Nações Unidas, quer no quadro da Organização de Unidade Africana (OUA) e do Movimento dos Países Não-Alinhados.

Entretanto, o Governo e a Renamo voltaram a reactivar, esta semana, reuniões directas na sede da Comunidade Católica de S. Egidio, depois dos mediadores terem pedido a intervenção do Presidente Joaquim

Chissano e do líder da Renamo, Afonso Dhlakama, para encontrarem uma saída para o impasse que persistia em torno das alíneas relativas ao número dos efectivos do futuro Exército unificado, e do futuro do Serviço de Informação e Segurança do Estado, SISE.

Ainda não estão definitivamente clarificadas as respostas que a mediação terá já recebido das duas personalidades, mesmo que de forma informal.

Contudo, segundo dados recolhidos pela AIM, em Roma, tudo leva a crer que tenha havido contactos na semana passada entre representantes do Governo italiano e o Presidente Joaquim Chissano e o líder da Renamo, efectuados, segundo se especula, pelo Embaixador da Itália em Maputo, Manfredo Incisa di Camerana.

Camerana, que preside à Comissão Mista de Verificação (COMIVE) do Acordo de Dezembro de 1990, sobre o cessar-fogo nos "corredores" da Beira e do Limpopo, teria, segundo as fontes da AIM, viajado até Gorongosa, para consultar directamente o Presidente da Renamo, Afonso Dhlakama.

Várias tentativas desenvolvidas pela AIM, em Roma, para apurar a veracidade destas informações foram frustradas, por contínuas dificuldades de contactar os mediadores e por reservas da delegação da Renamo em comentá-las.

Assim, fica-se apenas com informações sugerindo que as discussões directas em S. Egidio tenham sido retomadas em ambiente de "moleza e frieza", havendo, aparentemente, um ambiente de ausência do dinamismo característico da fase anterior à cimeira de Agosto, o que daria a ideia de que, quer as duas delegações moçambicanas quer a mediação, teriam atingido um ponto de saturação, que estaria a originar debates "imóveis" por vezes em torno de "questões de gramática", falsamente políticas.

Para alguns observadores, considerados controversos, a fase que

as negociações atravessa neste momento estaria a reflectir um ponto deste processo de dois anos, em que a cimeira de Agosto teria, alegadamente, diminuído a autoridade das duas delegações e, de certo modo, também a dos mediadores, transferindo tacitamente o processo directamente ao Presidente Chissano e a Afonso Dhlakama, tendo de permear, o Chefe do Estado zimbabweano, Robert Mugabe.

De qualquer modo, mantém-se forte o comentário optimista de que as delegações e os mediadores estão dispostos a tudo fazerem, de forma a honrarem o compromisso de 7 de Agosto, que determina o dia primeiro de Outubro próximo, como data-limite para o alcance do acordo final de paz que ponha termo à guerra que dura há dezassete anos em Moçambique.